

O PODER DAS IMAGENS E SÍMBOLOS: REPERCUSSÕES SÓCIO-HISTÓRICAS

Adilson Cristiano Habowski^()
Elaine Conte^(**)*

INTRODUÇÃO

A proposta do texto não é de reabilitar um sentido original ao símbolo da suástica que teria sido deturpado por Hitler, por consequência da massiva propaganda nazista, mas de desvelar o poder da comunicação por imagens e símbolos nesse processo histórico, identificando as estratégias propagandísticas utilizadas para a construção da opinião pública massificada. Dessa forma, o estudo analisa o poder de persuasão e de convencimento que as imagens e símbolos exercem na formação da identidade social, identificando as conotações e os processos que esses mecanismos comunicativos recebem ao longo da tradição cultural. Na organização do texto, apresentamos aspectos da historicidade do símbolo como necessário à compreensão do ser, da cultura e das inter-relações humanas no mundo da vida, como forma de renovar as dimensões pedagógicas, ontológicas e psicológicas.

Toda a cultura é uma produção de símbolos para o desenho da vida sócio-histórico-cultural, fundamentais à expressão humana para que os sujeitos se comuniquem e troquem experiências e percepções. Afinal de contas, sabe-se que historicamente as imagens e símbolos controlam os meios de comunicação que interessam ao poder ideológico e à manutenção do mundo administrado. Cabe destacar também que na cultura contemporânea, o sistema de símbolos coordena e organiza todas as formas de expressão humana, tendo a ideologia multimidiática como uma forma de sedução e domínio pelo convencimento. A educação por meio da leitura de imagens e símbolos foi pouco estudada e explorada ao longo da história, embora ao mundo imagético tenha um grande valor educativo (TREVISAN, 2002). Para o reconhecimento e o diálogo sociocultural é exigida da educação uma renovada discussão a respeito da repetição e transcrição desses símbolos, para melhor avaliar as práticas educativas e auxiliar na alfabetização e decodificação das imagens e símbolos culturais pedagogicamente. Assim sendo, as relações das imagens, símbolos e textos

(*) Mestrando em Educação na Universidade La Salle (UNILASALLE), Canoas/RS. Bolsista CAPES/PROSUC. Integrante do grupo de pesquisa NETE/CNPq. *E-mail*: adilsonhabowski@hotmail.com.

(**) Doutora em Educação (UFRGS). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Unilasalle e Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq); e membro do Grupo de Estudos sobre Filosofia da Educação e Formação de Professores (GEFFOP/CNPq). *E-mail*: elaine.conte@unilasalle.edu.br.

narrativos são formas diferentes, mas todas são criações humanas personificadas para que possamos produzir possibilidades múltiplas de conhecimento via processos de educação.

Toda civilização faz uso de símbolos e imagens que dão sentido e representatividade às suas formas de pensar e existir no mundo, tornando fontes do imaginário social e servindo como referência cultural. Os símbolos e imagens, além de transmitirem a cultura e as formas de vida, desvelam também os sentimentos e desejos mais profundos de uma época histórica. Dentre os símbolos emergidos das civilizações e povos, a suástica é um deles que se fez presente desde os tempos mais remotos, adquirindo diferentes conotações a cada povo que a adotava. Para Martins e Coimbra (1997, p. 5), “de todos os símbolos que surgem em vestígios arqueológicos, a suástica é, sem dúvida, o que mais variantes apresenta, sendo, muito provavelmente, aquele cuja sobrevivência se tem mostrado mais persistente”.

O fato de o movimento nazista ter atrelado a suástica como o símbolo popularizado na fabricação do consenso, por meio da propaganda repetitiva, gerou um tabu no mundo contemporâneo e acabou limitando e restringindo a suástica ao significado pejorativo que alude ao nazismo. Nesta perspectiva, tais questões precisam ser debatidas em sala de aula, como orientadoras de possibilidades para que os sujeitos sejam capazes de pensar sobre a própria história e os meios de comunicação, assim como agir por conta própria, de forma reflexiva e autônoma, evitando a perda de racionalidade ou a regressão humana. É nesse sentido que apresentamos o potencial do cinema, pois fornece condições para contextualizar os fenômenos históricos, com sensibilidade estética e poder comunicante, que amplia as formas de repensar e se colocar no lugar do outro, rompendo com a mera reprodução dogmática de saberes e simplificações cognitivas irrefletidas.

A partir deste panorama, apresentamos a problemática da pesquisa traduzida nas seguintes perguntas: quais são os sentidos que a suástica recebeu ao longo das tradições culturais históricas e geográficas e de que forma a propaganda nazista, com o símbolo da suástica, contribuiu para a tomada do poder de Hitler e para o convencimento massivo? Considerando o cinema como artefato cultural, quais elementos podem ser propícios para o trabalho pedagógico em sala de aula, para o exercício da sensibilidade e do senso crítico que legitima o próprio saber educativo? A reflexão sobre tais aspectos, por meio da análise de alguns marcadores sócio-históricos permite tomar como fio condutor a abordagem hermenêutica adorniana, que está voltada para a compreensão e a interpretação de textos, discursos e imagens, que são formas de simbolizar e conferir valor às construções humanas.

A hermenêutica leva em consideração a própria fusão de horizontes de compreensão das tradições culturais, enquanto movimento interpretativo que constitui o ser humano, buscando uma

(auto) reflexão sobre aquilo que vemos, lemos, ouvimos, vivenciamos, criando uma abertura para o diálogo com o outro, com as contradições sociais e com as diferentes experiências (HABOWSKI; CONTE; PUGENS, 2018). Theunissen (1983, p. 44) afirma que para Adorno, o desvelamento da sociedade pela dialética negativa se constitui em “evidenciar o divergente, o dissonante, aquilo que é contrário a uma possibilidade de verdadeira consciência e de autonomia do homem sobre o seu destino” [e é] “ao mesmo tempo a possibilidade de contrapor-se ao estabelecido, de negá-lo com a intenção de construir outra situação social”.

Nas palavras de Adorno (2009, p. 195), “a dialética negativa deslinda no pensamento o que ele não é”, reeditando e atualizando o confronto dialético entre o aparente e a realidade dos modos de comunicação nesses tencionamentos, que desmitificam, problematizam conceitos e revelam o processo onde a dialética se instala. Em síntese, a “dialética como procedimento significa pensar em contradições a causa da contradição experimentada na coisa e contra ela. Sendo contradição em realidade é também contradição na realidade” (ADORNO, 2009, p. 148). Os conceitos são essenciais para o conhecimento de algo, quando sinalizam suas potencialidades nas constelações de ideias, sendo responsáveis por elaborar um conjunto de interpretações, como é o caso nesse estudo das imagens, do símbolo da suástica, nesse exercício dialético de uma saudável desconfiança (ADORNO, 2009). Nessa perspectiva de Adorno (2009, p. 144), “quando uma categoria se transforma – por meio da dialética negativa, a categoria da identidade e da totalidade –, a constelação de todas as categorias se altera, e, com isso, uma vez mais cada uma delas”.

Em razão disso, este ensaio inicia trazendo alguns dos significados da suástica ao longo da história, problematizando o uso de imagens e o seu potencial inscrito na propagação nazista. Nas inter-relações com a educação, analisamos elementos da relevância do cinema na educação, apresentando um documentário que problematiza o evento do nazismo e seus símbolos. As imagens trazem repercussões sócio-históricas e políticas aos processos educativos, por isso precisam passar pelo crivo reflexivo das pessoas para realizar o movimento de revisão, ressignificação e humanização.

RECONHECENDO A HISTÓRIA DA SUÁSTICA NAS CIVILIZAÇÕES

A linguagem imagética dos símbolos é essencial para a compreensão dos sujeitos, de suas relações em todas as dimensões humanas e, por isso, todas as civilizações fizeram uso de símbolos e imagens para expressar a própria realidade e aquilo que a transcende. (HABOWSKI *et al.*, 2017). Os símbolos e imagens revelam significados da vivência de cada cultura, uma vez que os povos ressignificam no símbolo a realidade vivida, aplicando concepções de mundo e entendimentos

diversos e que precisam ser constantemente ressignificados. Nosso acesso a uma suposta realidade é sempre mediado por ações políticas e discursos, que não apenas a representam, mas falam dela e a instituem de forma humanista ou determinista, projetando seus impactos em diferentes cenários e revelando problemas de homogeneização e novas patologias sociais. Nessa perspectiva, os símbolos são compreendidos e experimentados por meio da transmissão cultural. Dentre os muitos símbolos surgidos ao longo da história da humanidade, a *suástica* é um dos símbolos que as diversas civilizações utilizavam, tendo vestígios desde as culturas antigas e primitivas, no período neolítico, posteriormente, considerada símbolo religioso, encontrada nas catacumbas cristãs, entre os hindus, os celtas, os gregos e germânicos (NETO, 2003). Neto (2003, p. 56) explica que,

Encontramos referências da suástica na Índia e China, onde representa o número 10 mil, a totalidade dos seres e da manifestação, e em civilizações como a Semita na sinagoga de Edd-Dikke, na Jordânia Oriental, no pátio dos Mirtos de Alhambra de Granada, e ainda na Grécia, Pérsia, Ásia, África, Europa e América. Apenas na Austrália não foi encontrada nenhuma referência à suástica.

Por isso, as civilizações em contextos históricos, culturais e geográficos que as representavam traziam elementos específicos da realidade de seu povo. Desta forma, um mesmo símbolo pode apresentar na sua incorporação e apropriação em diferentes sociedades outras significações e utilizações. Sabemos que existem mitos e simplificações em torno da suástica e, em vista disso, entendemos a suástica manifestada simbolicamente com dois sentidos representacionais. Um deles anti-horário, que transmite o sentido das boas energias e atrai o Deus Sol, e o outro, em sentido horário, adotada pelo Hitler, que tem o propósito de chamar e atrair as divindades malévolas, como podemos observar na figura abaixo. (SOUSA, 2008).

Figura 1. Suástica em sentido anti-horário e horário.

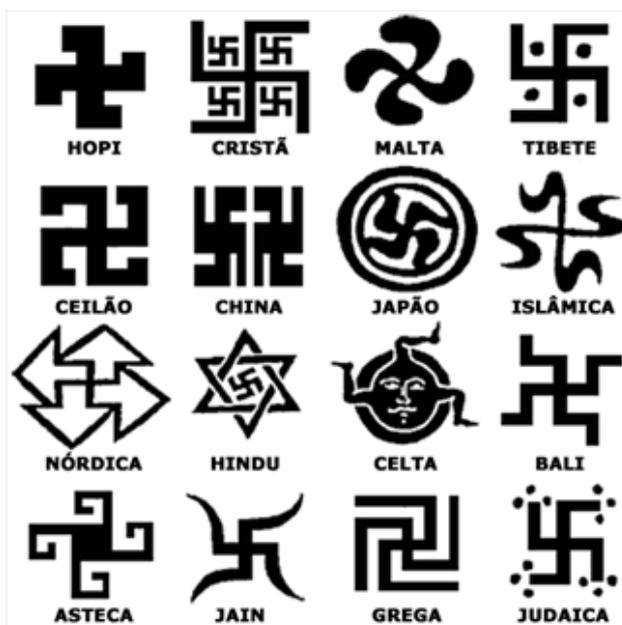


Fonte: <<http://engenheiroandrilho.blogspot.com.br/2015/05/manji-suastica-budista.html>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

A imagem da cruz suástica é constituída por “quatro hastes de igual comprimento, cujas extremidades são prolongadas em ângulo reto, em linha reta ou em forma de arco, originando a impressão de um movimento circular”, algo contínuo, que jamais se estagna. (BECKER, 1999, p. 271). Também é reconhecida e interpretada “[...] como roda do sol, como raios que se cruzam ou, nos países nórdicos, como o martelo de Thor, [ou também] como símbolo da Felicidade e salvação”. (BECKER, 1999, p. 271).

A suástica vem do *sânscrito* (língua da Índia) e significa *bem-estar* (NETO, 2003). Nessa perspectiva, podemos ver que em sentido mais profundo este símbolo apresenta algo positivo, como aos budistas, que “simboliza a ‘chave do Paraíso’ e, na iconografia românica, tem frequentemente um significado talismânico”. (LEXIKON, 2002, p. 187). De acordo com Sousa (2008, on-line), a suástica “apareceu a mais de 3000 anos atrás em algumas moedas utilizadas na antiga Mesopotâmia. Além disso, diversas outras antigas civilizações – como os índios navajos e os maias – também registraram essa mesma marca em artefatos de sua cultura material. A primeira significação definida da suástica surgiu entre os praticantes do hinduísmo”. Sousa (2008, on-line) reforça ainda que “em outras culturas também é possível observar usos bastante variados para essa mesma simbologia. Os chineses adotavam a suástica para representar o número 10.000; a maçonaria a utiliza como meio de representação de uma constelação próxima à estrela Ursa Maior; e os bascos representam por meio da suástica a imagem de uma dupla espiral”. Como forma de apresentar alguns estilos de suásticas usadas pelas civilizações, ilustramos com o seguinte quadro:

Figura 2. Suásticas nas civilizações.



Fonte: <<http://desconstruindo-o-nazismo.blogspot.com.br/2012/09/por-que-os-nazistas-usavam-suastica.html>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

A suástica havia sido analisada no final do século XIX pelo arqueólogo alemão Heinrich Schliemann, que pesquisava no estreito de Dardanelos, onde calculavam que havia sido construída a cidade de Tróia. (SCARDELAI, 2017). Nas escavações, Heinrich encontrou diversos artefatos com suásticas muito semelhantes a outras que ele havia encontrado nas proximidades do Rio Oder, na Alemanha, e foi a partir disso que Heinrich “associou o símbolo às migrações ancestrais dos povos “proto-indo-europeus”, os arianos”. (SCARDELAI, 2017, p. 41). Em 1910, *Guido Von List*, poeta e nacionalista recomendou que se tornasse um símbolo para todas as administrações antisemitas. Isso fez com que no período em que o partido socialista nacional foi criado, em 1919, declarou como símbolo a suástica antiga. (SACCO, 2011).

Nesta perspectiva, Souza (2010, p. 27) afirma que a suástica “foi apropriada pelos nazistas por considerarem que ela era original dos árias. Os nazistas se consideravam seus herdeiros ‘arianos’, um povo que teria vindo da Europa e colonizado o vale do Indo, destruindo a cultura dos drávidas, antigos moradores da região”. Para Scardelai (2017, p. 44), “qualquer que seja sua complexidade simbólica, a suástica por seu próprio grafismo indica manifestamente um movimento de rotação em torno do centro, imóvel, que pode ser o ego ou o polo. É, portanto símbolo de ação, de manifestação, de ciclo e de perpétua regeneração”.

A suástica esteve tão presente nas culturas que não possui um só significado, mas uma multiplicidade de representações como destacam os autores. Pelo fato de muitas culturas terem aderido à suástica como um símbolo representativo da expressão popular fez com que ela se espalhasse por diversos locais do mundo e assim foi incorporada pelas culturas europeias, bem como pelo nazismo, que mudou o rumo da suástica na história. A imagem da suástica utilizada justamente para representar o sistema nazista foi em sentido horário – aquela que atrai as forças malignas para perto – e inclinada. Empregando, então, nesse símbolo milenar o antisemitismo, o holocausto, a necessidade de eliminar os diferentes e aniquilá-los.

Toda a comunicação nazista foi elaborada por Hitler, tanto que escreveu o livro *Manual de Identidade Visual Nazista*. Fazia da comunicação uma persuasiva arma para seduzir e encantar/cegar a população, como uma força de convencimento inscrito nas palavras e nos símbolos que traziam promessas de elevar a Alemanha ao ponto mais alto da Europa. Para tal feito, Hitler se encarregou de todas as áreas da estética, tornando-se o próprio diretor, o cenógrafo e astro das grandes reuniões que reuniam nas ruas milhões de pessoas como forma de ação política e convencimento público pela repetição de (des)informação e perpetuação no poder. (PEREIRA, 2008).

Uma questão que Hitler e seu partido valorizavam abundantemente era a identidade visual e o seu padrão estético, sendo marcada por uma espécie de magia de estetização do mundo que camufla a realidade e aniquila o próprio pensamento crítico. O cinema e a fotografia tiveram também grande importância, afinal de contas, por intermédio da fotografia e do cinema que Hitler era propagado em larga escala populacional. Além disso, “o fotógrafo Heinrich Hoffmann era o grande responsável pela imagem política do *fürer*, com especial cuidado para que ele sempre fosse retratado como o ponto mais importante do enquadramento”. (SACCO, 2011, p. 26). Ao mesmo tempo, toda propaganda “deveria ser simples e focado nas massas. Deveria conter o menor número de elementos possível e ser repetitiva para que, como dizia Goebbels, uma mentira contada mil vezes se torne uma verdade”. (SACCO, 2011, p. 28). A indicação de tais marcadores convergia para a ideia de que a comunicação deveria estar ao alcance de todos, especialmente das pessoas desfavorecidas financeiramente e intelectualmente. “Tratando-se, como no caso da propaganda da manutenção de uma guerra, de atrair ao seu círculo de atividade um povo inteiro, deve-se proceder com o máximo cuidado, a fim de evitar concepções intelectuais demasiadamente elevadas”. (HITLER, 1925, p. 80). A suástica, um símbolo nazista que significa *boa sorte*, esteve presente em todos os documentos oficiais, uniformes militares, arquitetura, propaganda, etc. Ou seja, toda a Alemanha estava tomada pela cor vermelha, bandeiras desciam dos prédios com a suástica, pelo efeito estético que ela exerce.

Hitler (1925) destacava que é por meio da propaganda que se estimula os propósitos do coletivo com a veemência da comunicação social propagandeada e incorporada em toda a organização corporativa, que não leva em consideração o nível de veracidade, mas a capacidade de convencimento. Prática até hoje utilizada em políticas econômicas massivas e de mercado. Parece que tendo dinheiro para comprar as mídias também são grandes as chances de manipular a (semi)formação cultural. A suástica era um símbolo que os ancestrais acreditavam ter força mística, certamente, motivou o nazismo a adotá-la como forma de auxílio dos deuses. (HABOWSKI et al., 2017). As marcas deixadas pelo símbolo da suástica como extermínio humano vinculado pelos meios de comunicação social impactam até hoje, uma vez que passou a representar o ódio, a hegemonia de um povo, a indiferença, a soberba, a desumanização e a morte. Dada a complexidade do tema, Neto (2003, p. 56) afirma que “em seu sentido horário propicia a concentração e a absorção e não a dispersão e distribuição, como no caso da suástica hindu e persa”. É por isso que alguns sustentam que por meio desta rotação centrípeta ela adquire um caráter negativo, tentando dominar o todo. Além disso, a “associação com o movimento, a ação, a roda, o sol, com o

movimento de rotação em torno de um centro imóvel, com um ciclo de perpétua regeneração”. (NETO, 2003, p. 57). Sobre a escolha do vermelho como cor predominante, menciona que,

[...] foi determinada não só pela força vital da cor, mas pela disputa das massas com os partidos de esquerda que tradicionalmente a empregavam, tanto que eram chamados de os vermelhos. A confusão estabelecida no domínio visual refletia a confusão objetivada no plano ideológico - o estabelecimento do NSDAP como partido verdadeiramente revolucionário e popular. (NETO, 2003, p. 58).

Esses efeitos causaram uma deturpação do real sentido dessa representação, mas tudo se tornou possível por meio do uso da imagem (re)forçada pelos meios de comunicação social. A propaganda nazista teve grande impacto sobre a vida da população alemã, exercendo destaque na constituição do imaginário nacional-socialista por uma comunicação convincente e exaustiva. De modo semelhante, os cartazes afixados em todos os lugares expressavam a propaganda promovida pelo partido nazista, que mergulhava suas raízes nas mais profundas zonas do inconsciente coletivo, através de grandes pressões mentais. Em busca de uma insana raça ariana, eram pintados cartazes com bocas carnudas e narizes largos, ou narizes finos e compridos, indicando esses perfis como os responsáveis pela pobreza do país, notabilizando deste modo, os impulsos elementares de violência e destruição que recebiam cores predominantemente pretas e vermelhas, estando presentes nas ruas, nas escolas, nos locais de trabalho e nas residências. Para atrair vantagens e força política, a propaganda teve o intuito de dominar e manipular a população, fazendo uso de todos os possíveis meios de comunicação disponibilizados na época, entre eles, o cinema, o teatro, a literatura, a poesia, a música, tendo grande destaque os cartazes com imagens da suástica.

Antes mesmo dos nazistas conseguirem o poder, o rádio era um dos artefatos que já tinha uma considerável presença e acesso à população. Diante disso, o rádio se tornou um modo de entretenimento para as horas de lazer, mas também para a transmissão de ideologias nazistas. Conforme Marosin (2010, p. 49),

O período de maior utilização do rádio pelo nazismo ocorreu entre 1928 e 1930, cuja propaganda ideológica incentivou a participação da massa, já que este foi o período de pré-eleição que daria a base legal para uma mudança radical. Utilizando-se da alta aceitação entre 1928 e 1929, o partido nazista criou uma - plataforma socialista, em que ajustou seu discurso aos desejos do povo, gerando grandes discussões políticas entre os partidos de esquerda. Esta ação camuflada, aliada à crescente influência em todas as áreas públicas, permitiu ao partido infiltrar-se em todas as instituições e disseminar sua propaganda. Como resultado, nas eleições para o Congresso em 14 de

setembro de 1930, o partido nazista ampliou seu número de congressistas de 12 para 107.

Apesar de em 1929 ainda não possuir acesso à imprensa, Hitler uniu-se à *Hugenberg*, que havia comprado a Ufa, maior indústria cinematográfica alemã que monopolizava o mercado de jornais e revistas, proporcionando ao nazismo grande abrangência e divulgação de sua doutrina em larga escala, através dos meios impressos, fazendo com que houvesse um crescimento do partido. (PEREIRA, 2008). A valorização das Belas Artes na Alemanha seguiu reforçando o movimento de Hitler, que acompanhava todas as inaugurações dos eventos artísticos. Na música, a repressão foi bastante severa fazendo com que os músicos ou compositores que não compartilhassem das mesmas ideologias fossem punidos, tornando-se obrigatório fazer hinos que posteriormente eram cantados nas passeatas, nas queimas de livros e nas principais manifestações do partido, potencializando o envolvimento emocional da população.

Sem dúvida, o cinema foi o artefato mais utilizado pelos nazistas que em “1986 nos 12 anos de nazismo foram produzidos em torno de 1350 longas-metragens. Destes, 96 foram produzidos por ordem do Ministério da Propaganda”, em que “exaltavam o patriotismo e heroísmo do povo alemão”. (MARCONDES, 1986, p. 37). Ainda, diversas abordagens foram produzidas, “desde comédias românticas, passando por musicais, operetas, filmes de costumes, até a guerra e exaltação dos valores do regime, como xenofobia e racismo. Os temas mais apreciados eram aqueles relacionados à representação do heroísmo, do patriotismo e o espírito alemão”. (MARCONDES, 1986, p. 37). O partido nazista foi um dos primeiros a utilizar o cinema para potencializar a propaganda ideológica, fazendo do entretenimento uma finalidade política¹, pois afastavam todas as preocupações domésticas e familiares. Por isso, ordenou que todos os filmes que fossem produzidos não se concentrassem em informações e sim nas emoções, retratando Hitler como um homem que se sacrificou por uma nação.

Há indícios de uma supervalorização da saúde do corpo em relação à inteligência mental, pois anunciavam que o intelectualismo levava ao isolamento humano e assim ao não cumprimento de deveres cívicos e comunitários. A propaganda de culto a Hitler trazia a ideia de unificação da Alemanha em um país forte, que superou os problemas econômicos e reconhecido internacionalmente porque realizava um governo democrático que executava os desejos da população. Aqueles que não aderiam a essa falsa propaganda eram reprimidos ou assassinados,

¹ Na época poucas eram as resistências políticas a esse regime, destaca-se no cinema a obra *O Grande Ditador* (1940), de Charlie Chaplin, uma comédia dramática que satiriza o nazismo, o fascismo e seus maiores propagadores, Adolf Hitler e Benito Mussolini. O filme tornou-se um clássico do cinema e um legado cultural da humanidade, uma produção de domínio público disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-IV4t5onobY>>. Acesso em: 7 maio 2018.

aniquilando qualquer tipo de resistência. Em relação ao nazismo, destaca-se desde o início um conhecimento técnico avançado de comunicação de massa e a falta de esclarecimento geral.

Transmitido pelo nazismo, o corpo das pessoas era uma das possibilidades para o exercício da xenofobia, que foram forçados a treinar tomando como espelho a perfeição nazista de uma raça ariana. Num viés manipulador e ideológico, a propaganda nazista organizava o povo para a anestesia frente ao sentimento de culpa ao matar os sujeitos que não pertencessem à raça ariana, investindo possibilidades na propaganda, inclusive no aprisionamento dos judeus no campo de concentração de Auschwitz, em que se encontrava a frase “*Arbeit macht frei*” (o trabalho liberta), enquanto modo de convencer os judeus para o trabalho forçado na fabricação de armamentos, em busca da liberdade prometida.

Nos métodos propagandísticos de convencimento, o intuito dos longas metragens e documentários era exaltar a figura de Hitler enquanto herói germânico e desprezar os vizinhos europeus, marcados por imperfeições, diversidades e miscigenação cultural. Em comícios preparados para serem filmados, misturando ficção com documentário, o idealizador do regime defendia que homossexuais, deficientes mentais e físicos, negros, estrangeiros e judeus precisavam ser tratados como questão de saúde pública, por não se enquadrarem na perfeição física almejada ou na pureza racial. Isso significou uma perda de racionalidade e a regressão humana, justificada no pressuposto da instauração da raça pura, atrelada ao caráter manipulador e a identificação cega com o coletivo (ADORNO, 1995).

Talvez, para que isso nunca mais se repita, precisamos manter viva a memória negativa para aprender com isso, criando canais de abertura às múltiplas linguagens, ao trabalho cooperativo, ao direito à liberdade de pensar e ao reconhecimento do outro, para mobilizar novas possibilidades ao diálogo humano e à multiplicidade cultural. Por isso, é necessário analisar a profundidade dos significados inscritos nas experiências contextuais das imagens e símbolos das civilizações, para superar percepções homogêneas e generalizantes que atrofiam o pensar formativo e humanizado das pessoas. (HABOWSKI; CONTE; BRANCO, 2018). O sistema educacional precisa pautar-se pela aversão à violência física, desde a tenra idade, bem como promover o esclarecimento sobre as imagens, símbolos e propagandas, para evitar a repetição de uma opinião pública controlada pela ânsia do dinheiro, do poder e da comercialização de tudo, inclusive da vida humana (ADORNO, 1995). Por isso, debatemos no próximo capítulo sobre a importância da problematização desses eventos históricos por meio da cinematografia, apresentando um documentário que pode provocar a reflexão crítico-reconstrutiva em sala de aula, tendo em vista que a barbárie (guerras, genocídio,

bomba atômica, autoritarismo, homogeneização, eutanásia), encontra-se no princípio civilizatório (ADORNO, 1995).

POSSIBILIDADES DE REPERCUSSÕES NO AMBIENTE ESCOLAR

O partido nazista corrompia todas as demais manifestações, inclusive dos intelectuais que na sua grande maioria apresentavam-se militantes de esquerda. Esses pensadores eram perseguidos e não encontravam outra solução a não ser o exílio para outros países com uma política mais liberal. Entre eles, os teóricos de postura crítica como Walter Benjamin, Theodor Adorno e Max Horkheimer de vertente marxista, resistiram à adesão, às atrocidades e ao descaso humano realizado pelo partido nazista e foram perseguidos, um deles, Walter Benjamin, teve como consequência o próprio suicídio. As reflexões críticas oriundas dos membros da Escola de Frankfurt não agradaram o partido nacional-socialista dos trabalhadores alemães e sofreram retaliações a ponto de exterminar e banir da Alemanha tais perspectivas. Vale destacar também que a insistente doutrina atingiu e convenceu grandes intelectuais da época para tornarem-se participantes do movimento. O discípulo e assistente de Theodor Adorno, Jürgen Habermas, além de membro da segunda geração da Escola de Frankfurt também teve seu nome relacionado ao passado nazista, tendo uma experiência como membro das Juventudes Hitlerianas – por obrigação, como tantos outros compatriotas, incluindo o filósofo Martin Heidegger.

A partir da dimensão empírica da própria experiência formativa, Adorno entende que o nazismo persiste em nossa civilização e que por isso necessitamos resistir individual e socialmente contra a barbárie, os fanatismos autoritários e de convencimento geral pela palavra (de Hitler), para evitar o sofrimento e a indiferença humana. Em seu aforismo *Opinião de diletante*, Adorno (1993, p. 70) afirma que “a barbárie é realmente o todo e triunfa ainda sobre o seu próprio espírito”. O caráter de coisificação do ser e de resignação para com o fascismo ou a ordem totalitária levou a humanidade à degradação e a luta oposicionista e reacionária - um processo acelerado de deterioração. O sentimento negativo de Adorno, frente a uma sociedade degradada pelo fascismo, é o que sensibiliza para a mudança frente ao instituído e mobiliza a resistência às formas de violência contra a humanidade. Em seu texto *Educação após Auschwitz*, Adorno (1995) foi categórico ao enfatizar que a única forma de esclarecimento das consciências contra a barbárie, para que *Auschwitz* não se repetisse precisa ser uma atitude dirigida e coordenada pela educação no contexto das massas populares. Adorno é conhecido como inaugurador da dialética negativa por estabelecer uma visão pessimista da realidade, manifestando em seus escritos de forma autocrítica e por contradição a necessidade de uma educação emancipadora, como uma forma de evitar a barbárie

coletiva, anunciando a necessidade de um processo de reeducação. (HABOWSKI; CONTE; BRANCO, 2018).

Dessa forma, os males causados pelas atitudes nazistas marcaram tão profundamente a consciência das pessoas, que houve uma ressignificação negativa do simbólico que a suástica transmitia. Portanto, percebe-se que o símbolo é visto como um tabu social, sendo preferível que seja esquecido por todos, de modo que a lembrança do mal praticado não seja revisto ou repensado, mas sim ocultado. Nesse contexto, a Alemanha foi o primeiro país a proibir a utilização do símbolo em bandeiras, documentos e pinturas, já em 1957. No entanto, esquecê-la simplesmente porque em uma determinada época representou um extermínio populacional não garante que estejamos livres da reincidência desse tipo de barbárie acionada pela ganância e poder, em detrimento do outro, que passa a ser visto como adversário no mundo da competição capitalista que oprime e desumaniza ao invés de emancipar.

Nessa perspectiva, para justificar a relevância da cinematografia na educação, apresentamos elementos com base em Benjamin (1892-1940), afinal de contas, abordar as problemáticas educativas no diálogo com a cinematografia coloca em movimento as imagens, símbolos e práticas escolares, pois implica no pensar sensível e por contradição, questionando os processos instituídos, uma vez que os filmes dão abertura à invenção, ao universo da alteridade, à renovação e ao trabalho com as diferentes fontes, contextos, experiências e visões de mundo. Nesse sentido, o cinema precisa ser debatido para entrar no universo interpretativo da recriação histórica e cultural, para assim discutirmos as tradições, os discursos, os símbolos, as imagens, os textos e as produções humanas. Benjamin (1994) atesta que a linguagem cinematográfica representa um grande potencial para aprender, para reconstruir a realidade em novas percepções pessoais e sociais, bem como de identificar suas relações com a experiência crítica da histórica cultural, da dimensão dos sentimentos e do mundo em que vivemos. Ela possibilita um outro relacionamento das massas com a arte, dotando-as de um instrumento eficaz de renovação das estruturas. Ao mesmo tempo, ela dispõe de uma autoridade que lhe confere validade, mesmo sem ser submetida a controle.

Dentre os diversos filmes e documentários elaborados sobre o regime nazista, elencamos o documentário *A ciência e a suástica*² (2009), dividido em dois grandes blocos, cuja abordagem é interdisciplinar, e os autores apresentam histórias de alguns médicos e cientistas que comandaram ações nazistas. O documentário trata de questões como: o interesse dos nazistas de aperfeiçoar a raça ariana, através da ciência; a suástica; o extermínio de crianças portadoras de deficiências

² Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4hZjcFZXyis&t=307s>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

físicas ou mentais; as experiências com judeus que fizeram dos médicos assassinos; a esterilização compulsória imposta a 300 mil cidadãos considerados como inferiores, dentre tantos outros temas. Esse documentário é um potencializador para os debates em sala de aula, já que problematiza e contextualiza a suástica e o período nazista, trazendo questões que provocam espanto e abrem possibilidades investigativas nos processos de ensino e aprendizagem, contribuindo para ações de humanização e sensibilização nos processos formativos à (re)construção de visões de mundo. O documentário revela o que está por trás das guerras, além de revelar um produto histórico e recurso pedagógico, já que se configura como um documento para debater sobre os elementos que o mesmo apresenta, bem como o contexto da sociedade que o produziu.

No caráter formativo e reflexivo do documentário, percebemos alguns desdobramentos para reestabelecer as conversações sobre as relações do cinema e da educação com os fenômenos culturais do nosso tempo. O ato de ensinar necessita levar em conta as múltiplas dimensões dos contextos e da racionalidade humana, bem como as perspectivas epistemológicas, filosóficas, simbólicas, históricas, estéticas, antropológicas, políticas e éticas, pois o ensino vai além da transmissão de conteúdos e se dá na pluralidade das relações existenciais, de possibilidades inacabadas. Justificamos que o mundo cinematográfico da imagem em movimento desperta para a diversidade de olhares ao agir pedagógico contextualizado, tendo em vista que apresenta emoções e significados ideológicos, que podem ser recriados em interlocuções críticas na sala de aula.

O mundo imaginado, narrado e recontado pelo documentário nos inspira a pensar por contradição, no sentido de olhar de diferentes maneiras para o mesmo fenômeno, discutir coletivamente sobre os conhecimentos culturais, assumindo o caráter holístico da formação humana em suas dimensões cognitivo-instrumental, prático-moral e estético-expressivas. Se a cinematografia nos instiga a sair do lugar comum e a conhecer outros lugares apresentados sensivelmente, atravessando fronteiras de mundo ligadas à condição humana, então podemos dizer que as experiências cinematográficas se apresentam como uma possibilidade de formação estética, humana e política, uma vez que têm a tarefa de exercitar percepções, sentidos e reações dos sujeitos vinculados às transformações “das inervações humanas”. (BENJAMIN, 1994, p. 174). A arte do cinema forja suas emergências históricas na curiosidade epistemológica, cultural, social e afetiva da interação humana e as coloca em movimento e entrelaçamento, transitando em diferentes tempos, espaços, experiências e contextos, colocando a linguagem em deslocamento e evidenciando as contradições e as diferenças formativas.

Tudo isso provoca o pensar dialético na educação a partir de perspectivas divergentes no diálogo com a entrega à obra fílmica, aos símbolos, às imagens e, ao mesmo tempo, a resistência à

interpretação, pois essas produções humanas expressam diferentes formas de ver e compreender a realidade (HABOWSKI; JACOBI; CONTE, 2016). Trata-se de descortinar e problematizar as mensagens e imagens ao longo da história humana, para ressignificar esses indícios nas diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, a cinematografia como um artefato estético, cultural, político, ético e poético de humanização pode promover as relações dos saberes humanos, despertando a reflexão crítica nas práticas educacionais. Uma formação mediada pela cinematografia pode evidenciar escolhas sobre a natureza do trabalho docente e as relações formativas, mais do que o fornecimento de instrumentos prontos, pois promove atitudes de reflexividade, de reconhecimento e potencialização dos saberes pedagógicos no mundo.

REFLEXÕES FINAIS

Esse estudo refletiu sobre alguns marcadores sociológicos e pedagógicos presentes no contexto das imagens e símbolos da comunicação, por meio de artefatos culturais, trazendo elementos da suástica para o desvelamento de significados voltados ao poder da comunicação social no decorrer da história. Além disso, discutimos os sentidos ideológicos da propaganda projetada por Hitler usando a própria suástica, com uma das técnicas aplicadas para a ascensão ao poder pelos meios de comunicação, pois cumpre pela transmissão de símbolos o controle político. Embora a suástica na década de 40 marcou profundamente as sociedades contemporâneas na representação do genocídio e da ganância desumana, hoje, com o abandono deste símbolo, continuamos com grandes desigualdades em todos os países, além de espalharem-se reações irracionais e autodestrutivas pelo poder de persuasão das mídias sociais.

Os meios de comunicação midiáticos serviram e servem ao convencimento de forma irrefletida, à dominação do pensamento, à homogeneização da cultura e às lideranças governamentais para perpetuarem-se no poder, gerando influência sobre a vida coletiva em concepções absolutistas e hegemônicas. Recentemente, os meios de comunicação de massa via *Facebook* praticam uma mercantilização que vai além da questão de chamar a atenção dos consumidores, mas incide na exploração econômica do perfil dos usuários para poder manipulá-los, tendo em vista perversos fins políticos. Isso revela a necessidade de uma educação tecnológica para aprender a lidar com as redes sociais de forma civilizada e almejando a regeneração de nossa cultura, visto que as mídias servem, sobretudo, a fins econômicos de alienação social.

Para Adorno (1995), a única possibilidade de evitar dogmatismos irracionais é a preservação das condições da experiência formativa no contato com o pensamento reflexivo e na abertura à história. A tentativa de superar a barbárie social veiculada pelos meios de comunicação é decisiva

para a sobrevivência da humanidade, por isso, defendemos uma educação para a contradição e para a resistência frente às enganações do mundo. Contudo, salientamos que as produções humanas precisam ser problematizadas nas experiências educativas para ampliar a conversação de bases teóricas e intercâmbios práticos e questionadores, para além das simplificações cognitivas. Talvez o valor da educação no mundo atual esteja em reconhecer a linguagem e a dimensão social e comunicativa dos sujeitos como estratégia emancipatória para enfrentar os males hipermediáticos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T. W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BECKER, U. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Paulus, 1999.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- HABOWSKI, A. C. et al. Cruz suástica e o potencial da propaganda nazista: conjuntura e resquícios históricos. **Tabulae – Revista de Filosofia**, ano 10, n. 20, p. 93-116, jan.-jun. 2017.
- HABOWSKI, A.C; CONTE, E.; BRANCO, L.S.A. A violência institucionalizada pela Indústria Cultural: debates educativos. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 481-498, fev. 2018.
- _____; JACOBI, D.F.; CONTE, E. O artefato cultural dos filmes em questão: repercussões e questionamentos. In: XII SEFIC. **Anais...** XII Semana Científica Unilasalle. Canoas, out. 2016.
- HABOWSKI, A.C; CONTE, E.; PUGENS, N.B. A perspectiva da alteridade na educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 23, n. 1, p. 179-197, jan./abr. 2018.
- HITLER, A. **Mein Kampf**. Alemanha: Eher Verlag, 1925.
- LEXIKON, H. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MAROSIN, J. **A Influência da Propaganda Nazista no Marketing Político atual**. TCC (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- MARTINS, P.J.C.M.; Coimbra, F.A. **Catálogo da Exposição**. A suástica e suas variantes no norte de Portugal, desde a pré-história até a atualidade. Sociedade Martins Sarmiento, 1997. Disponível em: <http://www.csarmiento.uminho.pt/docs/sms/exposicoes/Cat%C3%A1logoSu%C3%A1sticas.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2018.
- MARCONDES FILHO, C. **Quem manipula quem? poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil**. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1986.
- NETO, V.B.M. **A propaganda nazista**. Seus instrumentos e estratégias. Monografia de Especialização em Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- PEREIRA, W.P. **O Império das Imagens de Hitler: O Projeto de Expansão Internacional do Modelo de Cinema Nazista na Europa e na América Latina (1933 - 1955)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- SACCO, L.T. **Estética e Totalitarismo no Estado Nazista**. TCC (Bacharelado em Comunicação Social) – Centro Universitário UNISEB. Ribeirão Preto, 2011. Disponível em <<http://www.uniseb.com.br/presencial/bibliotecatccdigital/Anexo/ce0ad042-929e-425b-b188-2489cdcbf2bf.pdf>> Acesso em: 27 abr. 18.
- SANTOS, V. C. M. Luz, câmera, Hitler! Cinema e propaganda a serviço do nazismo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL ESCRITAS DA HISTÓRIA. **Anais do VI Simpósio...** Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2012.
- SCARDELAI, A. **Vaticinus**. Rio de Janeiro: Planeta Azul Editora, 2017.
- SOUSA, R. Suástica. **Brasil Escola**. [on-line]. 2008. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historiag/suastica.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- SOUZA, J. B. **A construção e a transformação da imagem do volkswagen/fusca: da Alemanha de Hitler para a América na década de 60**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2010.
- THEUNISSEN, M. Negativität bei Adorno. In: FRIEDEBURG, L.V.; HABERMAS, J. (Hrsg.). **Adorno-Konferenz**. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1983.
- TREVISAN, A.L. **Pedagogia das Imagens Culturais - da Formação Cultural à Formação da Opinião Pública**. Ijuí: Unijuí, 2002.

RESUMO

O estudo de perspectiva hermenêutica e dialética aborda o poder de persuasão de imagens e símbolos na produção da identidade social, tomando como base o uso da suástica pelo regime nazista de Hitler. A propaganda nazista simbolizada nas distorções da suástica e no poder do convencimento cumpre funções irracionais de manipulação coletiva travestidas de racionalidade. No texto, apresentamos aspectos da historicidade do símbolo como necessário à compreensão do ser, da cultura e das inter-relações humanas no mundo da vida, para renovar as dimensões pedagógicas, ontológicas e psicológicas. Por fim, problematizamos o poder engenhoso de persuasão dos mecanismos da cultura contemporânea com capacidade de provocar espanto e emoções empáticas para o movimento de alienação social e/ou humanização.

Palavras-chave: Símbolos. Poder da comunicação. Educação.

THE POWER OF IMAGES AND SYMBOLS - SOCIO-HISTORICAL REPERCUSSIONS**ABSTRACT**

The study of hermeneutic and dialectical perspective addresses the power of persuasion of images and symbols in the production of social identity, based on the use of swastikas by Hitler's Nazi regime. Nazi propaganda symbolized in the distortions of the swastika and the power of conviction fulfills irrational functions of collective manipulation transposed by rationality. In the text, we present aspects of the historicity of the symbol as necessary to the understanding of being, culture and human interrelations in the world of life, to renew pedagogical, ontological and psychological dimensions. Finally, we problematize the ingenious power of persuasion of the mechanisms of contemporary culture capable of provoking astonishment and empathic emotions for the movement of social alienation and / or humanization.

Keywords: Symbols. Power of communication. Education.

EL PODER DE LAS IMÁGENES Y SÍMBOLOS - REPERCUSIONES SÓCIO-HISTÓRICAS**RESUMEN**

El estudio de perspectiva hermenéutica y dialéctica aborda el poder de persuasión de imágenes y símbolos en la producción de la identidad social, tomando como base el uso de la esvástica por el régimen nazi de Hitler. La propaganda nazi simbolizada en las distorsiones de la esvástica y en el poder del convencimiento cumple funciones irracionales de manipulación colectiva travestidas de racionalidad. En el texto, presentamos aspectos de la historicidad del símbolo como necesario a la comprensión del ser, de la cultura y de las interrelaciones humanas en el mundo de la vida, para renovar las dimensiones pedagógicas, ontológicas y psicológicas. Por último, problematizamos el poder ingenioso de persuasión de los mecanismos de la cultura contemporánea con capacidad de provocar espanto y emociones empáticas para el movimiento de alienación social y / o humanización.

Palabras-clave: Símbolos. Poder de la comunicación. Educación.